

2022



XII Encontro Internacional de Fitossociologia

A Ciência da Vegetação aplicada à gestão, conservação e restauro ecológico de habitats

A Ciência da Vegetação aplicada à gestão, conservação e restauro ecológico de habitats

Sílvia Ribeiro & Albano Figueiredo
(editores e coord.)

Escola Superior Agrária - Instituto Politécnico de Castelo Branco
Portugal
6, 7 e 8 de setembro de 2022



ISBN 978-989-333734



XII Encontro Internacional de Fitossociologia



Livro de Resumos

**A Ciência da Vegetação aplicada à gestão,
conservação e restauro ecológico de habitats**

Sílvia Ribeiro & Albano Figueiredo
(editores e coord.)

Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior Agrária, Portugal
6, 7 e 8 de setembro de 2022

Título: A Ciência da Vegetação aplicada à gestão, conservação e restauro ecológico de habitats

Livro de resumos dos trabalhos apresentados no âmbito do XII Encontro Internacional de Fitossociologia, dedicado ao tema *A Ciência da Vegetação aplicada à gestão, conservação e restauro ecológico de habitats*, realizado em Castelo Branco, entre 6 e 8 de setembro de 2022.

Editores e coordenação: Sílvia Ribeiro & Albano Figueiredo

Revisores: Sílvia Ribeiro, Albano Figueiredo, Vasco Silva, Tiago Henriques, Carlos Neto

Impressão: Serviços gráficos do Instituto Politécnico de Castelo Branco

© Texto dos resumos: autores

© Fotografias de capa: Sílvia Ribeiro

© Logótipos dos patrocinadores e entidades de apoio: respetivas entidades

Setembro de 2022

ISBN 978-989-333734

Sugestão de citação:

Livro: Ribeiro S. & Figueiredo A. (eds). 2022. A Ciência da Vegetação aplicada à gestão, conservação e restauro ecológico de habitats. Livro de resumos do XII Encontro Internacional de Fitossociologia. PHYTOS – Associação Portuguesa de Ciência da vegetação. IPCB – Instituto Politécnico de Castelo Branco. Castelo Branco. ISBN 978-989-333734

Um resumo publicado neste livro: Neto C., Costa J.C., Gomes I., Bioret F. & Romeiras M. 2022. A vegetação do litoral de Cabo Verde. In: Ribeiro S.& Figueiredo A. (eds). 2022. A Ciência da Vegetação aplicada à gestão, conservação e restauro ecológico de habitats. PHYTOS – Associação Portuguesa de Ciência da vegetação, IPCB – Instituto Politécnico de Castelo Branco, pág. 49, Castelo Branco. ISBN 978-989-333734

CONFERÊNCIA 2

VEGETAÇÃO HERBÁCEA, FOGO E HERBIVORIA NUM TERRITÓRIO EM ACELERADA MUDANÇA

[Herbaceous vegetation, fire and herbivory in a accelerated changing territory]

Carlos Aguiar (Escola Superior Agrária de Bragança, Instituto Politécnico de Bragança)

VEGETAÇÃO HERBÁCEA, FOGO E HERBIVORIA NUM TERRITÓRIO EM ACELERADA MUDANÇA

Carlos Aguiar

CIMO – Centro de Investigação de Montanha, Instituto Politécnico de Bragança Portugal, cfaguiar@ipb.pt

Resumo

A estrutura das etapas sucessionais e a sua prevalência na composição dos mosaicos vegetacionais à escala da paisagem são, em grande medida, controlados pelos padrões de perturbação. Num passado ainda recente, o território português era esquadrihado por 15 raças de bovinos, 16 de ovinos, 6 de caprinos (com vários ecótipos) e 6 raças de equídeos, com uma ecologia alimentar diversa e cargas pastoris suficientes para explorar ao limite a enorme diversidade de recursos forrageiros disponíveis. Focando a discussão nos espaços de montanha do norte do país, o pastoreio misto, por vezes conciliando as quatro espécies antes referidas, complementado com um fogo pastoril tónico e a arranca de toijas de arbustos para lenhas e carvões, promoveu um coberto de vegetação herbáceas vivaz em detrimento das comunidades vegetais arbustivas. O bosque detinha outras funções, era a fonte de madeiras de construção e um seguro para os tempos difíceis. A oligotrofia intrínseca do substrato rochoso das nossas montanhas, a intensa lixiviação de bases causada pela baixa CTC e pela elevada precipitação, e a exportação de nutrientes para as terras baixas por via animal explicam que o coberto vegetal fosse dominado por comunidades de *Agrostis capillaris* em granitos e de *A. curtisii* em xistos e corneanas, comunidades de *Violion caninae* (*Nardetea strictae*) de taxonomia mal conhecida. Uma dependência funcional estrita conectava as formações herbáceas vivazes de montanha, em grande parte de propriedade comunal, aos lameiros privados de *Molinio-Arrhenatheretea* e às restantes componentes dos sistemas tradicionais de agricultura. A principal função da vegetação herbácea dos baldios de montanha era alimentar de nutrientes os lameiros e terras agrícolas, atuando os herbívoros domésticos como meio de transporte.

Primeiro a campanha do trigo na década de 1930, depois a apropriação pública de facto dos baldios e as plantações de pinheiro-bravo e, mais tarde, o abandono agrícola traduziram-se num empobrecimento da fertilidade da terra e, pouco depois, num incremento maciço na

disponibilidade de combustíveis e em fogo. Um novo padrão de perturbação emergiu, dominado por perturbações intensas de curto ciclo de recorrência de fogo provocou um retrocesso da vegetação herbácea vivaz e a sua substituição por mosaicos de ervas anuais, comunidades pioneiras de caméfitos ricas em endemismos, e formações herbáceas de *Agrostis truncatula* subsp. Estas últimas são colocadas nos atuais sinsistemas na aliança *Hieracio castellani-Plantaginion radicatae* (*Festucetea indigestae*), embora as comunidades de *Agrostis truncatula* demonstrem evidentes relações com a vegetação de *Koelerio-Corynephoretea*.

Dados experimentais recentes comprovam uma redução do *stock* de carbono orgânico do solo e do magro fundo de fertilidade original das montanhas. Simultaneamente, e em paralelo, assistiu-se a uma regressão da área de lameiros (por matorralização), que atingiu os 50% em alguns maciços montanhosos, a uma redução da produtividade e à sua simplificação estrutural. Um trabalho recente, não publicado, mostra, ainda, uma enorme simplificação florística. Este processo degradativo está, certamente, relacionado com uma rotura na ciclagem de nutrientes e com a sua exportação através do feno para fora das fronteiras dos sistemas de agricultura regionais. O fogo pastoril modelou durante milénios as montanhas portuguesas – representava para o pastor o que o arado era para os agricultores. A perseguição do fogo tradicional, a importação acrítica de modelos produtivistas agrícolas e florestais centro-europeus pela ditadura e a conseqüente expulsão dos herbívoros domésticos empurraram as montanhas para uma condição insustentável com o fogo a destruir bens e ecossistemas. A comunidade fitossociológica e os cientistas agrários têm um papel fundamental na restauração da produtividade e da diversidade biológica das montanhas que passa, essencialmente, pela compreensão da sinecologia das comunidades vegetais e, a partir daí, desenhar sistemas de uso com padrões menos intensos de perturbação, que bebem diretamente dos saberes tradicionais, tantas vezes minorizados pelas decisões de outros tempos.

Palavras-chave: fitossociologia, vegetação herbácea, herbivoria, fogo, montanha

Agradecimentos: Desenvolvido no âmbito do projeto LIFE19 GIC/PT/001285